

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

CONTEXTOS ROMANOS IDENTIFICADOS NA FRENTE RIBEIRINHA DE LISBOA

Helena Pinheiro¹, Raquel Santos², Paulo Rebelo³

RESUMO

O presente artigo pretende apresentar os resultados preliminares de duas intervenções arqueológicas levadas a cabo em dois imóveis localizados na frente ribeirinha de Lisboa: no Campo das Cebolas, nº 1 a 12A / Arco de Jesus, nº 1 a 5 e na Rua dos Bacalhoeiros, nº 16 a 16D/Arco das Portas do Mar, nº 1 a 5. Os trabalhos permitiram identificar diversos contextos de época romana, nomeadamente pisos, muros, parte do que parece corresponder ao tanque central do peristilo de uma *domus* romana, do qual se destacam duas bases de coluna da ordem coríntia, e a muralha romana tardia (finais do século IV/século V d.C.), vestígios importantes para a construção da “manta de retalhos” que constitui o conhecimento da Lisboa antiga.

Palavras-chave: Lisboa, Época romana, Muralha tardia, Peristilo, Colunas coríntias.

ABSTRACT

The aim of this paper is to bring public the preliminary results of two archaeological excavations on two buildings in Lisbon's waterfront: Campo das Cebolas, nº 1 a 12A / Arco de Jesus, nº 1 a 5 and Rua dos Bacalhoeiros, nº 16 a 16D/Arco das Portas do Mar, nº 1 a 5. The work allowed us to identify multiple contexts of roman period, mainly pavements, walls, part of what seems a central tank of the peristyle of a roman *domus* from which stands two column's bases of the Corinthian order and the late roman defensive wall (late 4th/5th century A.D.), important evidences for the construction of the “patchwork” that is the knowledge of the ancient Lisbon.

Keywords: Lisbon, Roman period, Late-roman fortification, Peristyle, Corinthian columns.

1. INTRODUÇÃO

Os dados das intervenções arqueológicas que aqui se apresentam resultam de trabalhos decorrentes na frente ribeirinha da cidade de Lisboa, a Este do Terreiro do Paço, na sequência de projectos de recuperação de dois edifícios para a sua transformação em unidade hoteleira e de habitação (Figura 1). A proximidade de ambos os imóveis com outros anteriormente intervencionados e cujos achados arqueológicos assumem grande relevância, nomeadamente os antigos Armazéns Sommer e a Casa dos Bicos, permitiu desde logo antever a presença de importantes vestígios patrimoniais. Os trabalhos têm vindo a ser desenvolvidos no imóvel sito no Campo das Cebolas, nº 1 a 12A e Arco de Jesus, nº 1 a 5, sob direc-

ção de Paulo Rebelo e Helena Pinheiro, bem como no edifício localizado na Rua dos Bacalhoeiros, nº 16 a 16D e Arco das Portas do Mar, nº 1 a 5, a cargo de Raquel Santos e Helena Pinheiro.

Os trabalhos arqueológicos solicitados à Neoépica, Lda. consistiam essencialmente em sondagens de diagnóstico prévio, pelo que, em alguns casos, a leitura dos contextos identificados é bastante parcelar. O facto de as intervenções arqueológicas ainda não se encontrarem concluídas e o espólio se encontrar ainda em fase de tratamento levam a que os dados que aqui se apresentam constituam ainda uma análise preliminar da ocupação destes espaços anterior ao Terramoto de 1755 mas de onde se destacam vestígios do urbanismo em época romana.

1. Neoépica, Lda.; neoepica@gmail.com

2. Neoépica, Lda.; neoepica@gmail.com

3. Neoépica, Lda.; neoepica@gmail.com

2. CAMPO DAS CEBOLAS, Nº 1 A 12A E ARCO DE JESUS, Nº 1 A 5

Foram realizadas no local 12 sondagens de diagnóstico manuais, uma vala perimetral entre duas sondagens e 12 sondagens parietais. As sondagens de diagnóstico foram marcadas nas áreas de maior afectação do projecto, nomeadamente nos espaços onde se previa a construção de poços de elevador e de reforços estruturais ao nível das fundações do edifício em causa. Duas das sondagens propostas inicialmente tinham ainda como propósito identificar o troço da muralha romana tardia que se previa passar sensivelmente a meio do edifício, de acordo com os dados recolhidos nas intervenções arqueológicas levadas a cabo nos antigos Armazéns Sommer em 2004 e em 2014/2015.

Os trabalhos de diagnóstico realizados permitiram desde logo pôr a descoberto em sete sondagens uma série de estruturas murárias e/ou níveis de derrube de cronologia romana, praticamente abaixo dos pisos actuais do edifício. Uma vez que o projecto desenvolvido após a realização das sondagens não previa a afectação de nenhum destes contextos, os trabalhos arqueológicos foram dados por concluídos, não tendo sido possível aferir a total extensão dos vestígios nem a funcionalidade dos muros identificados.

Em três das sondagens realizadas foi possível identificar o troço da muralha romana tardia, cuja face interna (lado Norte), à semelhança do que se havia identificado na intervenção nos antigos Armazéns Sommer, se apresenta escalonada em degraus (RIBEIRO & *alii*, no prelo). A estrutura construída entre os séculos IV/V d.C. (GASPAR e GOMES, 2007, p.694) apresenta uma largura mínima que ronda os 4,50m (na sondagem I) e os 4,60m (nas sondagens V e VI), à qual crescem os degraus. A sondagem I, com continuidade em duas sondagens parietais, foi a única cuja cota dos trabalhos permitiu identificar a existência de degraus, sendo que o primeiro, nas paredes do edifício actual, se encontrava já desbastado (Figura 2). Contrariamente ao registado no edifício a Este do Arco de Jesus, os degraus aqui registados não apresentam todos a mesma largura (média de cerca 0,50m) nem se encontram às mesmas cotas. Esta situação prender-se-á certamente com uma adaptação da estrutura a eventuais irregularidades geomorfológicas. As sondagens parietais permitiram também verificar que a muralha se encontra preservada exclusivamente ao nível do piso térreo (Figura 2).

Apenas na sondagem I foi possível atingir alguma profundidade no lado Norte da muralha, ao proceder-se à escavação de alguns depósitos de cronologia romana tardia, destacando-se a presença de abundante cerâmica de construção e um depósito (ou possível derrube) constituído por grandes silhares calcários, um dos quais almofadado. Nesta área a intervenção foi dada por concluída quando se atingiu um piso em argamassa e elementos pétreos de pequena dimensão, com ligeira pendente Norte-Sul e que parece encostar à estrutura muralhada (sensivelmente a 1,30m de profundidade). Destacam-se, de entre os materiais recolhidos num dos depósitos que cobria esse piso, um fragmento de taça Hayes 58B em TS Africana D e um fragmento de bordo de ânfora da forma Almagro 50, enquadráveis no século IV (Figura 9).

Nas sondagens I, V e VI procedeu-se à escavação de alguns depósitos a Sul da muralha (num máximo de 1,30m de profundidade), tendo-se recolhido materiais arqueológicos enquadráveis em época contemporânea e moderna. A escavação destes depósitos permitiu ter uma leitura mais clara do alçado Sul da muralha, bastante fragilizado pela acção do rio no passado. Na sondagem VI, onde a muralha se encontra bastante afectada por canalizações em grés, é de destacar a integração parcial de um muro pré-existente na estrutura muralhada. Esse muro, com cerca de 1m de largura, apresentava o alçado Sul rebocado, e é a sua incorporação no troço de muralha que permite que esta atinja os 4,60m registados na sondagem V.

Os trabalhos levados a cabo nas sondagens VIII e X permitiram por sua vez identificar estruturas murárias e níveis de derrube igualmente de período romano. Contudo, como referido, o desenvolvimento de um projecto pouco impactante para as realidades identificadas impossibilitou a continuação do diagnóstico, não tendo sido possível atribuir uma funcionalidade ou uma cronologia mais precisa dos contextos identificados. Destaca-se, na sondagem VIII, um muro com orientação Este-Oeste, constituído por elementos pétreos aparelhados de pequena a grande dimensão, nomeadamente calcários, *lateres* e dois elementos arquitectónicos, um dos quais um fragmento de fuste. A Norte e a Sul desta estrutura os trabalhos foram interrompidos a cerca de 0,90/1m de profundidade, em dois níveis de derrube constituídos maioritariamente por ímbrices (Figura 3).

Na sondagem X destaca-se um outro muro com orientação Este-Oeste, com cerca de 1,20m de largura, constituído por elementos pétreos calcários de pequena a grande dimensão. A face voltada a Sul encontra-se muito bem aparelhada, com silhares dispostos em fiadas regulares, apresentando ainda vestígios de reboco. A escavação foi interrompida entre os 0,50m e 1m de profundidade, num nível constituído essencialmente por *lateres* com vestígios de argamassa que parece corresponder ao derube de uma estrutura (Figura 6). A Norte, embora a área disponível para escavação fosse bastante reduzida, foi possível perceber que os depósitos escavados foram cortados pela vala de fundação desse muro, demonstrando pelo menos dois momentos de ocupação (Figura 4).

Destacamos de entre os materiais recolhidos, e que se encontram ainda em fase de tratamento, vários fragmentos de cerâmica cinzenta e um fragmento de ânfora do depósito [1010] cortado pela construção da estrutura. Estes materiais, nomeadamente as taças Lamb.28 e Lamb.6, o prato Lamb.7 (Figura 5) e o bordo de ânfora Classe 67 ou Dressel 12, enquadram-se cronologicamente nos séculos II ou I a.C. (Figura 9). Deve ter-se em conta que a atribuição da forma Lamb.7 (Figura 5) levanta algumas dúvidas uma vez que é feita com base num fragmento de fundo com decoração estampilhada em forma de losango no interior de dois círculos concêntricos e que encontra paralelos em Santarém (SORÍA, 2013, p.260-261). Quanto ao fragmento de ânfora, como refere Catarina Viegas, “*parece inegável a semelhança*” [da forma Dressel 12] “*com os exemplares da Classe 67*” (2011, p.201). Pela descrição apresentada para a forma Classe 67, nomeadamente o “*bordo de lábio ovalado ou em fita e que possui um ressalto ou moldura que estabelece a separação entre o bordo e o colo*”, parece-nos mais provável estarmos perante um fragmento deste tipo em detrimento da forma Dressel 12 (VIEGAS, 2011, p.198).

3. RUA DOS BACALHOEIROS, Nº 16 A 16D E ARCO DAS PORTAS DO MAR, Nº1 A 5

Foram inicialmente realizadas no imóvel três sondagens de diagnóstico que previam a identificação da Cerca Moura, cujo traçado hipotético Vieira da Silva propôs passar sensivelmente a meio deste edifício (1987), bem como o conhecimento da estratigrafia no local onde se prevê a construção de um

poço de elevador e, junto à fachada principal, de caixas de visita de águas residuais. Devido aos vestígios arqueológicos identificados, estas sondagens foram alvo de alargamentos. Foi ainda realizada uma sondagem parietal para averiguar a existência de muralha em cota vertical positiva. Os trabalhos de diagnóstico não se encontram, à data de fecho deste artigo, totalmente concluídos, uma vez que uma parte do edifício se encontra ocupada por um estabelecimento comercial em funcionamento.

Os trabalhos levados a cabo no local permitiram registar diversos contextos anteriores ao terramoto de 1755, nomeadamente um piso de época moderna constituído por tijoleiras e que se encontrava em muito mau estado de conservação (quebrado e com marcas de incêndio); um poço cuja construção não conseguimos datar mas que terá sido abandonado em inícios do século XVII; a muralha romana tardia; e outros vestígios de época romana, nomeadamente um piso constituído por *lateres* e *tegullae* e parte do que poderá constituir um tanque central de um peristilo. Uma vez que os materiais ainda se encontram em fase de tratamento e que as estruturas identificadas não foram desmontadas não nos é possível precisar com maior detalhe a cronologia destes vestígios. Relativamente aos contextos de época romana é de destacar desde logo o troço da muralha tardia localizado sensivelmente ao centro do edifício, orientado Oeste-Este e com uma largura total de cerca de 6m de largura. Os seus paramentos exteriores são constituídos por silhares de grande dimensão, sendo o seu interior colmatado por elementos pétreos de pequena a grande dimensão dispostos arbitrariamente. A tonalidade da argamassa só foi aferível nos paramentos exteriores – esbranquiçada – uma vez que o “miolo” se encontra muito contaminado por contextos posteriores. Não nos foi possível conseguir uma leitura do seu alçado Norte uma vez que se lhe sobrepunha uma viga de contraventamento do edifício actual; a Sul identificou-se o que parece ser uma outra estrutura, igualmente orientada Oeste-Este, com cerca de 1,30m de largura e alçado Sul rebocado, que se encontra exactamente no alinhamento proposto por Vieira da Silva para a Cerca Moura e que parece adossar à muralha tardo-romana.

A encostar ao alçado Sul desta última estrutura encontravam-se alguns depósitos com materiais cerâmicos enquadáveis em época moderna, pré-terramoto. Contudo, uma vez que a cota de afectação prevista rondava 1,20m de profundidade não

foi possível alcançar a base da mesma e, por sua vez, datar a sua construção.

A Norte da muralha romana tardia procedeu-se posteriormente a alargamentos para Este e Oeste da sondagem I, numa tentativa de conseguir uma leitura em área dos vestígios entretanto identificados, nomeadamente um piso em *lateres* e *tegullae* e uma estrutura murária constituída por silhares de grande dimensão sobre os quais assentava uma base de coluna e que eram parcialmente revestidos por *opus signinum*.

Verificou-se que os contextos, claramente de época romana, se encontravam cortados pela vala de construção de um poço cujo abandono podemos datar de início do século XVII. Foi possível escavar os enchimentos desta estrutura até cerca de 2,30m de profundidade, cota a que se atingiu o nível freático, tendo-se recolhido sensivelmente nos últimos 0,60m abundante material cerâmico pouco fragmentado.

Nesta última fase dos trabalhos foi possível determinar a totalidade da extensão do piso em *lateres* e *tegullae* que havia sido identificado aquando dos trabalhos da sondagem I, encontrando-se o piso cortado a Oeste pela vala de construção do poço; a Norte pelo alicerce da parede limite do compartimento; e a Sul e a Este por estruturas negativas de função indeterminada. Para além destas afectações laterais, o topo do piso encontra-se ainda bastante danificado, com profundas depressões e ondulações.

A Oeste e a Sul do poço outras estruturas foram cortadas pela sua vala de construção. A Oeste identificou-se um conjunto de três muros que delimitam um tanque revestido a *opus signinum*, o qual tem continuidade para Oeste do edifício, não se encontrando cortado pela parede actual. Estes muros apresentam uma construção imponente, com uma base constituída por silhares rectangulares de grande dimensão sobre os quais se dispõem *lateres* unidos com argamassa de tonalidade esbranquiçada. Uma argamassa idêntica é utilizada no reboco das faces exteriores das estruturas. Nos cantos NE e SE, assentes nos silhares, encontram-se duas bases de coluna em pedra de lioz, possivelmente da ordem coríntia. A primeira, no canto NE, encontra-se em relativamente bom estado de conservação, exceptuando o plinto que apresenta dois dos cantos quebrados (foi possível detectar um interface negativo de tentativa de roubo deste elemento e que justifica o seu desvio em relação ao muro). A segunda, no canto SE, apresenta o toro superior picado, tendo sido incorporada numa das vigas de contraventamento do edifício.

Neste troço a estrutura encontra-se parcialmente derrubada, estando os seus silhares caídos imediatamente ao lado e ainda parcialmente encaixados sob os *lateres*. Uma vez que a estrutura não foi, nem será, alvo de desmonte, torna-se difícil apontar uma cronologia exacta para a sua construção (Figura 6).

Os trabalhos levados a cabo no teatro romano de Lisboa podem, contudo, ajudar-nos nesta questão. Os dados recolhidos, nomeadamente no que diz respeito à substituição do urgeiro revestido a estuque por pedra de lioz, permitem avançar a hipótese de uma construção a partir do segundo quartel do século I. A utilização de “*materiais mais nobres [...] traduz uma mudança no que respeita às soluções decorativas utilizadas na primeira fase de urbanização das cidades e aquelas que vão ser aplicadas a partir da época Júlia-Cláudia*” (FERNANDES, 2002, p.254).

No lado Norte deste conjunto foi possível observar algumas alterações posteriores, se bem que ainda em período romano, nomeadamente um piso constituído por um depósito argilo-siltoso compacto que encostou ao reboco exterior do muro que limita o tanque a Norte. Ora, não parece fazer sentido construir uma estrutura com silharia imponente e bem aparelhada, rebocá-la e, de seguida, tapá-la quase na totalidade com um piso de menor qualidade. A hipótese de estarmos perante uma estrutura que tenha perdurado no tempo, com algumas alterações, parece-nos mais coerente. Infelizmente, não nos foi possível estabelecer uma relação estratigráfica deste conjunto com a muralha tardia ou datar os contextos sobre os quais foi construído. A proximidade deste tanque ao troço de muralha, no entanto, sugere uma alteração ou desactivação de um edifício pré-existente, à semelhança do que foi possível observar aquando dos trabalhos nos antigos Armazéns Sommer. Aí, um dos exemplos do “*processo do recuo urbano preconizado pelo amuralhamento tardio, comum a muitas cidade da Hispânia nos séculos IV/V, é o testemunho de um muro que corre com orientação E-O apresentando estuques pintados em ambas as faces que foi completamente envolvido no miolo da muralha*” (RIBEIRO & alii, no prelo). Pelas razões acima descritas, esta hipótese carece de confirmação. Dos materiais arqueológicos recolhidos, e que, como referido, se encontram ainda em fase de tratamento, destacamos alguns fragmentos de *terra sigillata* (TS) recuperados no interior do tanque e que nos poderão elucidar relativamente ao abandono completo do possível peristilo. Refiram-se os fragmentos de bor-

do de taça/prato da forma Hayes 3C com decoração de um veado (Figura 7) e Hayes 3E ou 3F em TS Foceense e um fragmento de taça Hayes 91 no que nos parece ser TS Africana D (Figura 9), enquadráveis cronologicamente entre a segunda metade do século V e a primeira metade do século VII. Do depósito que cobria o piso constituído por *lateres* e *tegullae* destaca-se um fragmento de fundo de TS Africana D, da forma Hayes 93, e que apresenta decoração de um cupido (Figura 8). Cronologicamente, este fragmento enquadra-se em finais do século V ou inícios do século VI.

A Sul do poço, cortado pela vala de construção desse, registou-se um outro muro que poderá ter fundação romana. Esta estrutura, orientada Sul-Norte, apresenta dois aparelhos construtivos distintos: um mais antigo constituído por silhares de grande dimensão com vestígios de uma argamassa alaranjada e uma argila esverdeada que poderão ter funcionado como ligante e outro mais recente, caracterizado por elementos pétreos de pequena e média dimensão e fragmentos de cerâmica de construção ligados por uma argamassa de tonalidade esbranquiçada. Num corredor no limite NE do edifício identificou-se um outro muro com características idênticas. Contudo, uma vez que os trabalhos arqueológicos foram interrompidos sem a escavação integral da área, não foi possível atribuir cronologias a estas estruturas. Poderemos apenas afirmar que os dois momentos construtivos são anteriores à construção do poço.

4. CONCLUSÕES

Os dados que aqui se apresentam, embora escassos, parecem-nos fundamentais para o entendimento da Lisboa romana. Ainda que não possamos atribuir cronologias finas para a construção e utilização dos contextos identificados, podemos apontar um *terminus ante quem* com base na edificação da muralha romana tardia que se supõe ter ocorrido nos séculos IV/V d.C. (Figura 10).

Se, por um lado, nos encontramos limitados no nosso conhecimento por cotas de afectação previstas nos projectos de reabilitação dos edifícios devolutos, por outro, como é exemplo o sítio da Rua dos Bacalhoeiros, deparamo-nos com um rebaixamento profundo decorrente da reconstrução pombalina que faz com que os vestígios de época romana se encontrem a cotas imediatamente abaixo dos pisos actuais, cenário comum a outros sítios arqueológicos (FER-

NANDES, 2011, p.300). Esta situação leva a que os materiais arqueológicos recolhidos nos contextos de destruição (nomeadamente interfaces negativos de tipo vala ou outros) sejam cronologicamente idênticos aos dos níveis afectados. Num caso específico, conseguimos datar uma afectação contemporânea simplesmente porque um fragmento de bordo de ânfora se encontrava contaminado com cimento.

No que toca ao urbanismo da Olisipo romana, os dados recolhidos nas intervenções que aqui se apresentam, juntamente com os dados obtidos durante os trabalhos arqueológicos nos antigos Armazéns Sommer (RIBEIRO & *alii*, no prelo), permitem demonstrar uma ocupação intensa da frente ribeirinha, simultaneamente de cariz industrial e doméstico. Os dois núcleos de transformação piscícola mais próximos dos edifícios intervencionados – localizados na Rua dos Bacalhoeiros, nº32 / Rua da Padaria, nº1-9 e na Casa dos Bicos – terão sido edificadas entre o século I e primeiras décadas do século II e abandonadas algures durante o século IV (FILIPE & *alii*, 2016, p.426; FILIPE, 2008, p.309). Se compararmos estes dados com os que conseguimos recolher parece-nos provável que estas unidades fabris tenham laborado ao lado de grandes núcleos domésticos.

O abandono desses sítios durante o século IV, que coincide com a cronologia apontada para o início da construção da muralha tardia, demonstra uma alteração das preocupações sentidas pela população romana. Uma estrutura que, em média, ronda os 5m de largura e que teria, no mínimo, 8m de altura (RIBEIRO & *alii*, no prelo), evidencia claramente um clima de grande instabilidade em Olisipo, à semelhança do que acontecia noutros pontos do Império Romano.

BIBLIOGRAFIA

BÉLTRAN, Miguel (1990) – *Guía de la cerámica romana*. Zaragoza: libros pórtico.

FERNANDES, Lúcia (2011) – A decoração arquitectónica de Felicitas Iulia Olisipo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 14, pp. 239-261.

FERNANDES, Lúcia (2007) – A decoração de época romana no municipium Olisiponense: a propósito de alguns elementos arquitectónicos da Praça da Figueira (Lisboa). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 25, pp. 291-336.

FERNANDES, Lúcia (2002) – Sobre dois capitéis de Lisboa. *Conímbriga*. Coimbra. 41, pp. 237-256.

- FERNANDES, Lúcia; MARQUES, António; FILIPE, Victor; CALADO, Marco (2011) – A transformação de produtos piscícolas durante a Época Romana em Olisipo: o núcleo da Rua dos Bacalhoiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 14, pp. 239-261.
- FILIPE, Victor (2008) – Importação e exportação de produtos alimentares em Olisipo: as ânforas romanas da Rua dos Bacalhoiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:2, pp. 301-324.
- FILIPE, Victor; QUARESMA, J. Carlos; LEITÃO, Manuela; ALMEIDA, Rui (2016) – Produção, consumo e comércio de alimentos entre os séculos I e III d.C. em Olisipo: os contextos romanos da Casa dos Bicos, Lisboa (intervenção de 2010). In JÁRREGA, Ramon; BERNI, Piero, eds. – *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo. III Congreso Internacional de la Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua (SECAH) – Ex Officina Hispana (Tarragona, 10-13 de diciembre de 2014)*. Tarragona: ICAC – SECAH, pp. 15-19.
- GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (2007) – As muralhas de Olisipo: o troço junto ao Tejo. In RODRÍGUEZ COLMENERO, Antonio; RODÁ DE LLANZA, Isabel, eds. *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, pp. 685-698.
- HAYES, J. W. (1972) – *Late roman pottery*. Londres: The british school at Rome.
- PIMENTA, João; SORÍA, Vincenzo; MENDES, Henrique (2014) – Cerâmicas de verniz negro itálico e imitações em pasta cinzenta de Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira. In *Atas do Congresso de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo. CIRA Arqueologia. N.º 3*. Museu Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 86-121.
- QUARESMA, João. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano*. Série estudos e memórias. 4. Lisboa: Uniarq.
- RIBEIRO, Ricardo Ávila; NETO, Nuno; REBELO, Paulo; ROCHA, Miguel [no prelo] – *Dados preliminares de uma intervenção arqueológica nos antigos Armazéns Sommer, Lisboa (2014-2015). Três mil anos de História: do Contemporâneo à Idade do Ferro*.
- SANTOS, Cézer; RAPOSO, Jorge; QUARESMA, João C. (2015) – Análise crono-estratigráfica da olaria romana da Quinta do Rouxinol (Corroios, Seixal). In *Contextos estratigráficos na Lusitânia (do Alto Império à Antiguidade Tardia)*. Lisboa, pp. 117-148.
- SEPÚLVEDA, Eurico; BOLILA, Catarina; SANTOS, Raquel (2014) – LRC (PRSW) e LRD (CRSW) provenientes da escavação de emergência efectuada na villa romana do Alto do Cidreira (Cascais). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V. 4/5, pp. 375-411.
- SEPÚLVEDA, Eurico; SOUSA, Élvio; FARIA, João; FERREIRA, Marisol (2001) – Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 2: “cerâmicas de verniz negro” e cinzentas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 19, pp. 199-234.
- SILVA, Vieira (1987) – *A Cerca Fernandina de Lisboa*. Lisboa. Vol. I, 2ª edição.
- SORÍA, Vincenzo (2013) – A cerâmica de mesa em época tardorepublicana em Scallabis: o contributo da campaniense. In BERNAL, D.; JUAN, L.C.; BUSTAMANTE, M; DÍAZ, J.J.; SÁEZ, A. M., eds. – *Hornos, talleres y focos de producción alfarera en Hispania. I Congreso Internacional de la Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua (SECAH) – Ex Officina Hispana (Cádiz, 3-4 de março de 2011)*. Cádiz: UCA. pp. 249-269.
- VIEGAS, Catarina (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Série estudos e memórias. 3. Lisboa: Uniarq.



Figura 1 – Planta de Lisboa com implantação dos sítios intervencionados (fonte: <http://lxiz.cm-lisboa.pt/lxi/>).



Figura 2 – Vista geral do alçado Norte da muralha tardo-romana, preservada no solo e nas paredes actuais do edifício.



Figura 3 – Plano final da sondagem VIII, com muro de época romana ladeado por derrubes e com fragmento de fuste incorporado.



Figura 4 – Plano final da sondagem X, com derrube de lateres a encostar a um muro de época romana.



Figura 5 – Fragmento de cerâmica cinzenta com decoração estampilhada recolhido no depósito [1010].



Figura 6 – Vista geral, em 3D, da área intervencionada a Norte da muralha tardia. À esquerda na imagem, o possível peristilo, tendo uma base de coluna a Norte e a segunda incorporada na viga de contraventamento do edifício, a Sul. Ao centro observa-se o poço, abandonado no século XVII. À direita na imagem, o piso em lateres e tegullae.



Figura 7 – Fragmento de TS Foceense, com decoração de um veado no fundo interno.

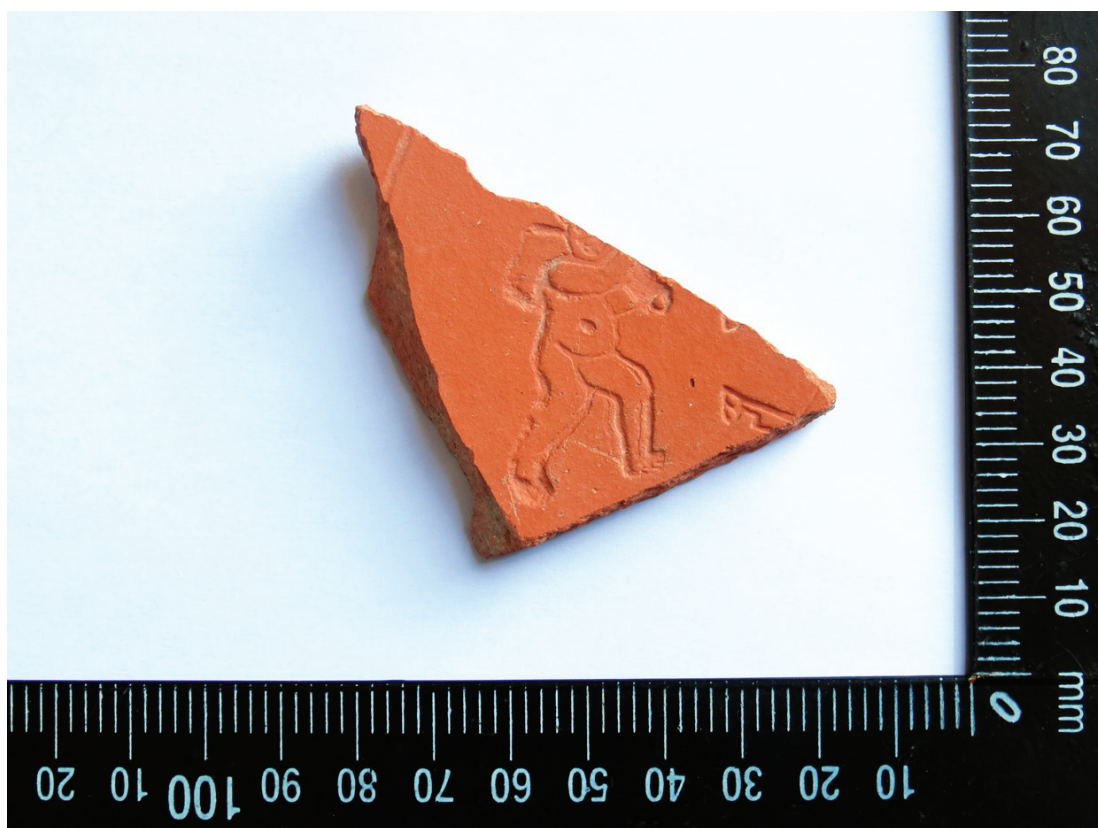


Figura 8 – Fragmento de TS Africana D, com decoração de cupido no fundo interno.

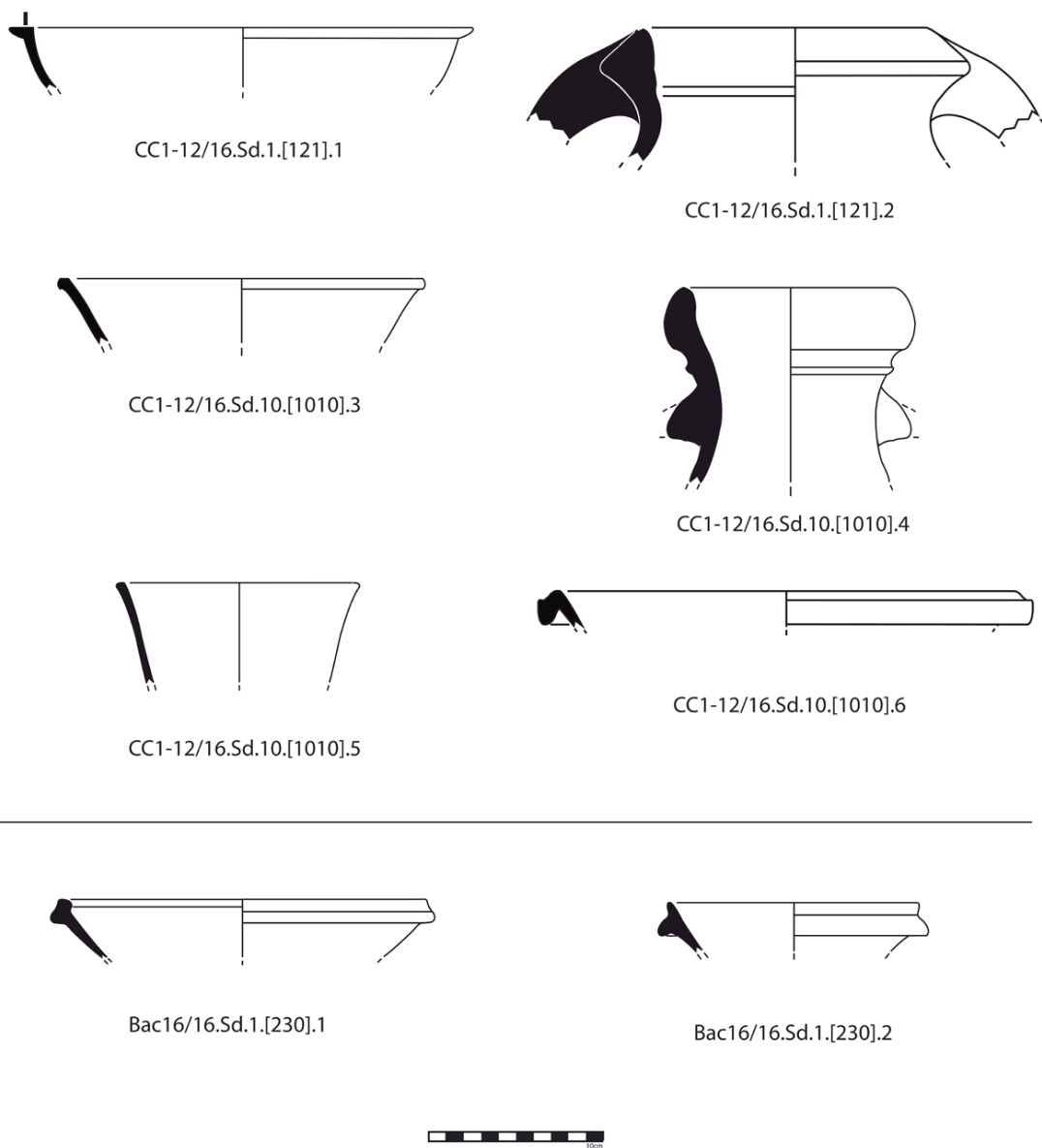


Figura 9 – Fragmentos cerâmicos representativos de alguns dos depósitos escavados. CC1-12 – nº 1 a 6: Taça Hayes 58B, Ânfora Almagro 50, Taça Lamb.28, Ânfora Classe 67, Taça, Taça Lamb.6 (?); Bac16 – nº 1 e 2: Taça Hayes 3E ou 3F, Taça Hayes 91.

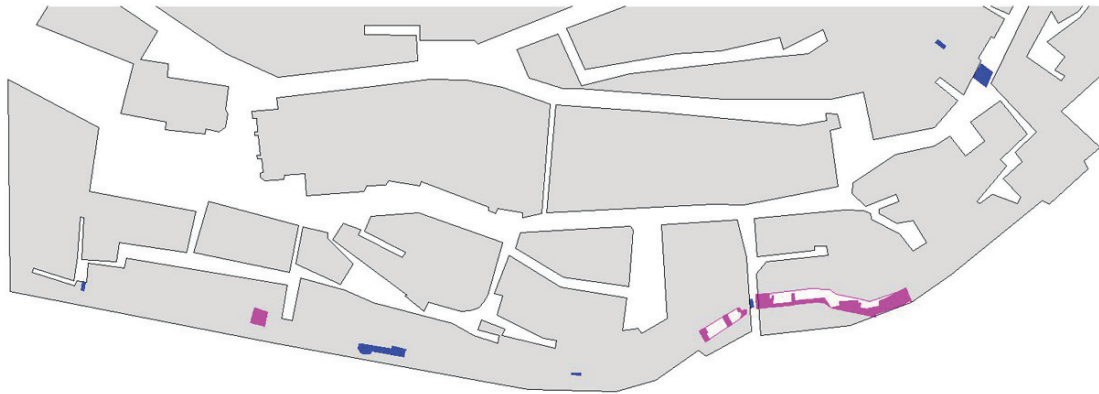


Figura 10 – Implantação dos troços identificados da muralha romana sobre planta de Lisboa. A roxo encontram-se assinalados os troços identificados em intervenções da Neoépica, Lda.



Patrocinador oficial